

SOLIDÃO NEON

Renato Contente

*

Renato Contente (Recife, 1990) é jornalista, doutorando em sociologia e vive em São Paulo.

Escrever é se vingar da perda.
Embora o material tenha se derretido todo,
igual queijo fundido.
(Waly Salomão, 1993)

o ventilador

you sabe que recife
está um calor violento
e ainda assim entre nós
há desavenças por causa
do ventilador
preciso do vento no meu rosto
porque me desestabilizo com o
que não  constante
mas por você ele giraria
bateria nos pés
e voltaria  cabeça
para dela se afastar
acho que você
sentia frio em recife
talvez fossem as
madrugadas amarelas
do mercado da encruzilhada
hoje eu também giro o ventilador
coloco no mínimo e aprecio
as pausas sem vento no rosto
nu sob o cobertor eu penso
se recife não esfriou porque
você foi embora

a dedicatória

eu queria te marcar e
te restavam poucos minutos no rosarinho
os táxis insistiam em ser cancelados e
ridiculamente chovia na rua sem saída
da casa amarela em que fomos felizes
teríamos sido realmente felizes ou
apenas curtimos a contento os latões de loló?
mas eu queria te marcar e o terceiro
táxi veio pra valer aí me apressei em
pegar o que na hora considerei ser
um souvenir especial de Recife
um elepê com sucessos de reginaldo rossi
lamentei que não tinha desterro mas
assinei com data e um famigerado
para um amor no Recife
eu não sei se lembras mas dias antes
teve paulinho da viola no pátio de São Pedro
numa madrugada de carnaval chuvosa
como os teus últimos instantes na cidade
você indo eu entendi velozmente
com alguma ira mas mais tristeza
que não havia um amor no Recife
a quem você pudesse evocar
o danço eu dança você era uma besteira
dado que só eu me requebrei sob
a dança da solidão

sex tape

na última vez em que você
esteve dentro de mim eu
estava de quatro como você
preferia embora em mim
quase sempre doesse
esborrei a porra e você
achou bonito disse que
queria ter filmado como
já havíamos falado sobre
outras vezes mas nunca
chegamos a dar rec
talvez porque a instância
do nosso prazer não devesse
ser perturbada assim
e nossa intimidade isto é
aquilo que nos era tão singular
não poderia ser captada mesmo
por câmeras frontais que ultrapassassem
doze megapixels de resolução
a gente se despedia sem saber
quem diria que nosso
gemidos selvagens eram na
verdade o linguajar primitivo
de um adeus desavisado

abocanhamento

quem ama uma coisa selvagem
precisa estar apto a lidar com seu
estado bruto diariamente
isto é permitir que a pele
engrosse e conviver bem com
uma série de cortes alguns
superficiais outros atravessa-ossos
eu tentei meu deus
me afastar daquele corpo em
pêlos do par de olhos pretos
a noite encarnada
mas que sexo bonito
assim curvado adormecido
com o que sonham os sexos?
o coração da besta pulsava
irrequieto como que prestes a
despertar de um sonho perigoso
pairava por toda ela uma
catinga pestilenta acho que
um composto de sangue
escurecido suor fresco porra seca
ouço um respiro atarantado e de
súbito a besta desperta
os olhos pretos vibram
violentamente e jogado no chão
exclamo em pensamento
que filho da puta
tinha me encurralado e ia
me trucidar e eu queria
quem era o filho da puta?
não tive tempo de ponderar
a besta mordeu meu peito e
ousou abocanhar o coração
seus dentes entre o carmim e o
escarlate exibiam restos
de músculos rasgados
os pêlos eriçados
os olhos com um brilho alucinado
entre os caninos ela
saudava a nova presa
não existia misericórdia nem
maldade naquela boca cheia
em mim apenas um tórax
oco e infeccionado

a neblina

nossa atmosfera particular era
a cidade e a neblina daquele
disco meio solidão neon de guilherme
arantes
estar com você e posteriormente
pensar em você era como que vagar
pelo centro de uma são paulo
vazia com um piano no meio da rua
por essa não ser a minha geografia e
nem a sua talvez aquilo tenha se
tornado algo como a nossa geografia
mas à qual só eu tinha acesso e a
ambição para expedicionar
hoje quando penso em tudo isso
acho engraçadíssima a não
comoção que enfim me causas porque
não era amor era só
um boy do sul
talvez por isso meus lábios esboçam
um sorriso aliviado mas não
sem antes ouvir
o cantor perguntar qual qual de
vocês não acha belo quando
a neblina desce e
deixa tudo translúcido

o cigarro

tua lembrança proporciona
violenta gastura dentro de mim
as entranhas em polvorosa
enojadas enraivecidas coitadas
eu tentando consolá-las
digo calma minhas crianças
acho que pedem um cigarro
não entendem que parei
penso que se parecem comigo
ao menos expressam o mesmo
desejo irrevogável furioso
mas também burro e bestial de
dividir um lucky strike com você

paralelos

hoje cedo pensei em te ligar
perguntar das coisas saber
do trabalho e da tua cabeça
mas percebi que mais
sentido tinha escrever
um poema assim caladinho
sem interpelações e crossovers
afetivos sentimentais de
consequências desconhecidas
então fiquemos assim
os dois proprietários
de hemisférios que
não mais se colidem
mas ainda coexistem
sob as mesmas coordenadas
em que nos perdemos